



O Ver-o-Peso como complexo de negritude na Amazônia Paraense

Andréa Silva de Melo - e-mail: andrea.silva.melo30@gmail.com
Mestranda em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8744-2807>

Resumo: Esse artigo objetiva compreender e refletir a importância que o Ver-o-Peso tem para a Amazônia paraense. Considerado a maior feira a céu aberto da América Latina e importante centro de hortifrutigranjeiros da Amazônia, também se mantém como um território ancestral que une diariamente pessoas e mercadorias, sendo frequentado, predominantemente, por pessoas negras. A feira está ligada diretamente à urbanização e ao crescimento da cidade de Belém durante o período áureo da economia da borracha (1880-1910) e foi construída sob a força de trabalho negra escravizada que resiste até hoje no lugar, por meio da música, dança, culinária, artes e rituais que transformam e impulsionam a cultura amazônica paraense para todos os cantos do mundo. Esse recorte faz parte da minha dissertação em andamento, fruto do mestrado, que conta, a partir da perspectiva socioantropológica, as trajetórias sociais das boieiras da feira do Ver-o-Peso, cuja maioria são mulheres negras e enfrentaram dificuldades e obstáculos durante a pandemia da Covid-19 e a chegada da COP 30 na capital paraense. O Ver-o-Peso aparece como ator principal e complexo das diferentes trajetórias ali representadas, o que evidencia o caráter ancestral e de resistência de todos que ali vivenciam o cotidiano da feira.

Palavras-chave: Ver-o-Peso; Negritude; Amazônia Paraense; Ancestralidade.

Abstract: This article aims to understand and reflect the importance that Ver-o-Peso has for the Amazon in Pará. Considered the largest open-air fair in Latin America and an important fruit and vegetable center in the Amazon, it also remains an ancestral territory that brings together people and goods on a daily basis, being predominantly frequented by black people. The fair is directly linked to the urbanization and growth of the city of Belém during the golden period of the rubber economy (1880-1910) and was built under the enslaved black workforce that continues to this day in the place, through music, dance, cuisine, arts and rituals that transform and propel the Amazonian culture of Pará to all corners of the world. This excerpt is part of my ongoing dissertation, the result of my master's degree, which tells, from a socio-anthropological perspective, the social trajectories of the cattle workers at the Ver-o-Peso fair, the majority of whom are black women and faced difficulties and obstacles during the pandemic of Covid-19 and the arrival of COP 30 in the capital of Pará. Ver-o-Peso appears as the main and complex actor of the different trajectories represented there, which highlights the ancestral and resistance character of everyone who experiences the day-to-day life of the fair there.

Keywords: Ver-o-Peso; Blackness; Amazon of Pará; Ancestry.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender y reflexionar la importancia que Ver-o-Peso tiene para la Amazonía en Pará. Considerada la mayor feria al aire libre de América Latina y un importante centro hortofrutícola de la Amazonía, sigue siendo también un territorio ancestral que reúne diariamente personas y bienes, siendo frecuentado predominantemente por personas de raza negra. La feria está directamente vinculada a la urbanización y crecimiento de la ciudad de Belém durante la época dorada de la economía cauchera (1880-1910) y fue construida bajo la mano de obra negra esclavizada que continúa hasta el día de hoy en el lugar, a través de la música, la danza, la gastronomía, las artes y rituales que transforman e impulsan la cultura amazónica de Pará a todos los rincones del mundo. Este extracto es parte de mi tesis en curso, resultado de mi maestría, que cuenta, desde una perspectiva socioantropológica, las trayectorias sociales de los trabajadores ganaderos de la feria Ver-o-Peso, en su mayoría mujeres negras y enfrentó dificultades y obstáculos durante



la pandemia de Covid-19 y la llegada de la COP 30 a la capital de Pará. Ver-o-Peso aparece como el actor principal y complejo de las diferentes trayectorias allí representadas, lo que resalta el carácter ancestral y de resistencia de todos los que allí viven el día a día de la feria.

Palabras-clave: Ver-o-Peso; Negritud; Amazonia Paraense; Ascendencia.

Introdução

Falar sobre a Amazônia desperta diferentes sensações e sentimentos. Muitos a descrevem como um lugar universal, místico, exótico, inabitável (ou quase), distante e até mesmo “selvagem”. Essa visão eurocêntrica, estereotipada e racista dos que vêm de fora da região ou mesmo do país, mascara e apaga as diversas vivências e modos de vida de pessoas e povos que integram e transformam o território, que é plural e diverso, e parte da complexidade cultural do território

Desde a colonização, a região foi invadida e tomada por europeus, principalmente os portugueses que se estabeleceram na região, mas não sem antes enfrentar a resistência indígena que aqui habitava, bem como a negra, que veio com a escravização. Na região paraense, objeto deste artigo, um dos marcos históricos mais importantes foi a Cabanagem¹, considerada uma revolta popular cuja presença de negros, indígenas e mais pobres (HIGA, 2025) foi primordial contra os absurdos cometidos por Portugal.

Assim, o ideal de resistência amazônica está presente na cultura paraense. Essa que possui particularidades que versam sobre a música, dança, culinária, artes, religião, política, relações sociais, linguagens, economias e toda expressão que norteia a representatividade do território. Exemplo disso são as feiras livres na região amazônica, como a feira do Guamá e a feira do Ver-o-Peso, que possuem um papel fundamental na construção e formação histórica, funcional, espacial, geográfica e social, sendo assim diferenciadas das demais feiras brasileiras (MEDEIROS, 2010), e não apenas lugares de distribuição e comercialização de mercadorias, mas também onde as pessoas que circulam o local vivem o seu cotidiano e fazem parte do seu modo de vida (CAMPELO, 2010).

No cenário amazônico, as feiras emergiram no período da economia da borracha, entre 1880 e 1910, em virtude da falta de abastecimento de gêneros

¹ Foi uma revolta popular iniciada em 06 de janeiro de 1835, sendo considerada a única revolta popular brasileira em que os revoltosos assumiram o poder político e a gestão da denominada, na época, Província do Grão-Pará.



alimentícios em lugares mais afastados da cidade (MEDEIROS, 2010), se tornando os principais eixos de desenvolvimento urbano e fluvial amazônico e de crescimento demográfico na capital, de modo a sofrerem também interferências e encontros de diversidade múltipla (LOBATO; CAÑETE, 2015).

No século XX, com a implementação da fase urbanística na capital paraense, formaram-se mercados particulares e feiras livres nas vias públicas, motivados pelo Intendente Antônio Lemos, visando o abastecimento e a comercialização de produtos regionais para a população que crescia e se expandia além dos arredores dos bairros da Sé e da Campina, que eram os principais bairros existentes no Período Colonial belenense (SALLES, 1971).

No berço dessa pluralidade amazônica, encontra-se Belém, capital do Estado do Pará, que já foi outrora uma capitania e unidade administrativa no período colonial, cuja cidade se tornou um principal ponto comercial da região. A metrópole paraense é carregada de histórias e banhada por rios que coexistem com a natureza, povos e culturas que a fortalecem e a transformam cotidianamente. Assim, um dos lugares mais importantes e atrelado à origem econômica e histórica da capital, é uma feira livre de nome Ver-o-Peso.

O Complexo do Ver-o-Peso, considerado a maior feira à céu aberto da América Latina e importante centro de abastecimento de hortifrutigranjeiros e pescados da região paraense, também possui um papel simbólico e representativo muito importante, como um território heterogêneo, de troca de saberes e sabores, que une reciprocidade e práticas tradicionais que fazem parte da vida do paraense. Esse intercâmbio regional e econômico se consolida como um dos cartões-postais mais importantes de Belém, e traz consigo a noção econômica de cidade como um “local de mercado” (WEBER, 1987).

A origem desse lugar está atrelada à fundação de Belém, em 1616, diante da Baía do Guajará, principal rio que norteia a região e que também era o principal ponto de chegada e partida de barcos que fomentavam a economia local no período colonial. Na praia do local, milhares de escravizados chegaram para exercer trabalhos forçados na capital e no interior. Em 1625, a instalação de um posto fiscal denominado “Lugar de Ver-o-Peso”, tornou-se responsável por pesar e tabelar as mercadorias que ali estacionavam, evidenciando que era por meio das águas que a cidade se conectava com o mundo positiva e negativamente.



Atualmente, o Complexo possui uma área de 25 mil metros quadrados, incluindo o Boulevard Castilhos França², o Mercado de Carne e o Mercado de Peixe, o casario³, as praças do Relógio e Dom Pedro II, a Doca de Embarcações, a Feira do Açaí e a Ladeira do Castelo (IPHAN⁴, c2014) e em 2020, foi realizada a revitalização do Solar da Beira, tornando-se um espaço de exposições culturais.

Assim, o Ver-o-Peso foi se reestruturando, crescendo e desenvolvendo sem perder o caráter principal de ícone representativo da cidade de Belém e lugar de resistência da população negra amazônica, cujo território ancestral é sempre tema de músicas, danças e outras expressões artísticas, majoritariamente exercidas por pessoas negras e pobres da capital, demonstrando que, ao contrário do que pensam, Belém é uma cidade negra, e não morena.

DA COLONIZAÇÃO À BELLE ÉPOQUE PARAENSE: a presença negra no surgimento do Ver-o-Peso durante a urbanização de Belém

Segundo a antropóloga Wilma Leitão (2013), o surgimento histórico do Ver-o-Peso está relacionado às origens e consolidação da cidade de Belém do Grão-Pará, fundada em 1616 pelo explorador e colonizador português Francisco Caldeira Castelo Branco, com a construção de uma edificação militar denominada hoje de “Forte do Castelo” e construída às margens do igarapé⁵ Piri, que desaguava na Baía do Guajará, principal ponto de chegada e saída de barcos que fomentavam a economia colonial.

Dessa forma, o Ver-o-Peso surgiu em 1625, por solicitação da Câmara de Belém, frente a uma praia e passou a ser denominado “Lugar de Ver-o-Peso”, transformando-se em importante entreposto fiscal e comercial e espaço significativo para a economia e composição da cidade e da região amazônica.

² Principal avenida que integra o Complexo do Ver-o-Peso, tombado pelo IPHAN, em 1977, que inclui o Mercado da Carne, a Praça do Relógio, a Doca, a Feira do Açaí, a Ladeira do Castelo e o Solar da Beira, a Estação das Docas e a Praça do Pescador.

³ Conjunto de casarões antigos e sobrados de conservação variada com lojas comerciais nos térreos. Elas fazem parte do patrimônio histórico e artístico da cidade de Belém.

⁴ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁵ “Um igarapé é um curso d’água amazônico de primeira ou em terceira ordem, constituído por um braço longo de rio ou canal. Existe em pequeno número na bacia amazônica, caracterizados por pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata” (<https://ipam.org.br/glossario/igarape/>).



Figura 1 – Ver-o-Peso, 1875



Fonte: Fidanza (1875) - Coleção Gilberto Ferrez, Acervo do Instituto Moreira Salles.

No Pará, a presença negra é marcante, juntamente com a indígena, apesar da última prevalecer tanto culturalmente quanto no reconhecimento inter-regional marcante. O historiador e antropólogo Vicente Salles (1971) afirma que a contribuição cultural negra foi diminuída e até negada no conjunto de valores constitutivos amazônicos e que, por vários fatores político-sociais, como a “mestiçagem”, apresentou percentuais irrisórios onde já foi determinante, como ter sido a maior parte étnica da população belenense em 1822.

Essa evidência é concretizada com o reconhecimento da existência de pelourinhos na capital paraense no século XVIII (ANDRADE, 2022), em que um desses ficava onde se encontra o Ver-o-Peso, precisamente no Mercado de Carne⁶, cuja finalidade era a punição e comercialização de escravizados que desembarcavam na área que era conhecida como “praia”, como também detalha Salles (1971):

Mais tarde, em torno da doca do Ver-o-Pêso, vários estabelecimentos particulares se dedicaram à mercancia de escravos. Ali, em 1771, o governador Fernando da Costa de Ataíde Teive, mandando sanear o desaguadouro do Piri,

⁶ “No dia 23 de maio de 2024, foi realizado na Alepa (Assembleia Legislativa do Estado do Pará), a Sessão Especial em homenagem ao Dia da África, a ser comemorado no dia 25 no mesmo mês. Na ocasião, foi apresentado um projeto arquitetônico do Memorial da Escravidão, cuja pesquisa histórica e cartográfica identificou a existência de dois pelourinhos em Belém, o primeiro situado onde atualmente fica a Praça Frei Caetano Brandão e outro, onde está localizado o Mercado de Carne Francisco Bolonha” (Fonte: <https://agenciapara.com.br/noticia/56388/seirdh-apresenta-projeto-de-memorial-da-escravidao-a-populacao-de-belem#:~:text=Esse%20estudo%20identificou%20que%20Bel%C3%A9m,do%20Ver%2Do%2DPeso>).



determinou a construção de um lagamar, onde também haveria estância segura e independente da guarda dos escravos: é a atual Doca do Ver-o-Pêso.

A partir do século XIX, a capital paraense passa por um processo de modernização capitalista, impulsionada pela denominada *Belle Époque*⁷, decorrente da economia da borracha que a colocou na rota econômica mundial. Idealizada pelo Intendente Antônio Lemos que governava a cidade e se inspirava nos moldes europeus de “embelezamento urbanístico”, foi responsável pela reurbanização e por mudanças significativas como aterramento de rios, pavimentação e alargamento de ruas, construção de praças, serviços de eletricidade (VALADARES, 2023), de transporte público e instalação de rede de esgoto.

Entretanto, a ideia de construir uma “*Paris N’ América*”⁸ seguiu uma lógica elitista e higienista de administração municipal (PONTE, 2015), adotando uma série de medidas administrativas e legais extremas, além de racistas na gentrificação urbana como a proibição de circulação de pessoas, criação do Código de Posturas de 1880, a extinção de cortiços, o ato de cuspir nas ruas, a “mendigagem” (o que a lei considerava sobre) e o batuque do Carimbó no centro da cidade, considerando-o como desordem pública (SALLES; SALLES, 1969), e assim, interferindo nos costumes e culturas regionais e camuflando a presença negra no lugar.

O *Alagado do Piri de Jussara*, que era o principal igarapé que cruzava a cidade, separava os dois assentamentos de Belém no século XVII, Cidade e Campina (PENTEADO, 1968) e foi dividido em dois braços, onde um lado foi construído a Doca do Ver-o-Peso e o outro a antiga Doca do Reduto. O primeiro se desenvolveu pela predominância de inúmeros galpões particulares das diversas fábricas e indústrias que já se alocavam ali; já o segundo, fora aterrado e abrigou vilas operárias na década de 1920, e posteriormente, foi transformado em canal, mantido até os dias de hoje.

⁷ Expressão de origem francesa que significou o período de modernidade e desenvolvimento econômico, tecnológico e cultural, entre 1871 e 1914, influenciando em movimentos artísticos como o impressionismo e expressionismo.

⁸ Termo que significava ostentação e riqueza nos moldes europeus durante um período de concentração histórica, arquitetônica e cultural.



Figura 2 – Doca do Ver-o-Peso (Exposição em Chicago, 1893)



Fonte: Facebook da página Belém Antiga (27/03/2023)

Ainda na gestão de Lemos, foi construído o Porto de Belém em 1897, pelo engenheiro estadunidense Percival Farquhar e a região de desembarque de mercadorias e acostamento de barcos se tornou uma grande via de nome *Boulevard da República* (atualmente *Boulevard Castilhos França*) e se consolidou como a principal avenida do centro da cidade e do entorno do Ver-o-Peso com a existência de dois mercados, dentre eles o Mercado de Ferro (FAU ITEC/UFPA, 2015).

Figura 3 – Antiga Boulevard da República, atual Boulevard Castilhos França, ainda sem o Mercado de Ferro (final do século XIX e início do século XX)



Fonte: Facebook da Página Belém Antiga (25/06/2018)



Figura 4 – Movimento de pessoas após a chuva na Avenida Boulevard Castilhos França



Fonte: Autora (2024)

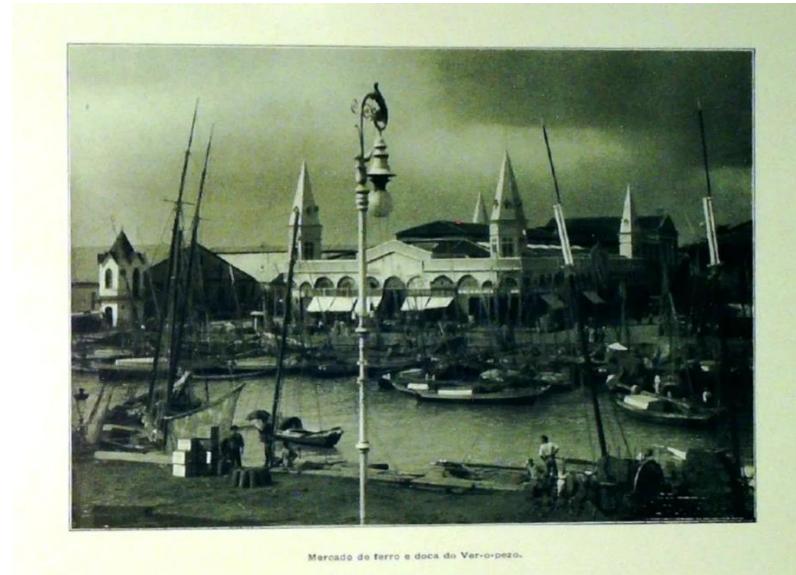
Assim, com estruturas pré-montadas vindas da Europa, deu-se início a construção do imponente Mercado de Ferro no Ver-o-Peso, sendo inaugurado em 01 de dezembro de 1901 e se tornando símbolo da atividade econômica que crescia e prosperava, e mais tarde, um grande monumento à beira da Baía do Guajará, representando o auge do luxo e riqueza da região amazônica paraense.

Como já mencionado, na área de localização desse mercado, também se encontra um outro mercado, o Mercado de Carne (Mercado Público Municipal Francisco Bolonha) que foi construído em 1867 e que também seguiu padrões europeus arquitetônicos e de *Art Noveau*⁹, passando por mudanças significativas ao longo dos tempos. Assim, os dois mercados fazem parte da grande área denominada Complexo do Ver-o-Peso.

⁹ “Nascido na Bélgica, o *Art Noveau* é um estilo que esteve em vigor no período de 1880 a 1920. Surgiu fora do circuito das vanguardas artísticas e teve como máxima inspiração a natureza com as linhas sinuosas e assimétricas das flores e dos animais. Sua aplicação reverberou principalmente no *design* de interiores, de produto, tecidos, roupas, joias e acessórios. O *Art Noveau* também pode ser encontrado na arquitetura. Algumas características predominam nas obras do período como a utilização das formas orgânicas; a preocupação com a estética e com os elementos decorativos; a presença de vitrais e mosaicos; e estruturas com inspiração nos estilos Rococó e Barroco. Dentro da arquitetura, um de seus expoentes mais famosos é o catalão Antoni Gaudí. Suas formas ousadas representam a essência do estilo, marcado por criações inovadoras e inusitadas” (<https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/noticias/todas-noticias/voce-sabe-o-que-e-art-nouveau>).



Figura 5 – Mercado de Ferro e Doca do Ver-o-Peso (Álbum de Belém, Pará, 15/11/1902).



Fonte: Laboratório Virtual FAU ITEC UFPA, 2015.

Figura 6 – Mercado de Ferro visto da parte interna da Feira do Ver-o-Peso (setor de polpas e sucos)



Fonte: Autora, 2022.

Toda essa pomposidade, típica da época, foi primordial para o crescimento da cidade a partir do centro, o que levou pessoas mais vulnerabilizadas para lugares mais distantes, periféricos, de baixada ou interiores. O arquiteto e urbanista Flávio Villaça (2001), ao descrever sobre a diferença entre o “centro” e “periferia”, destaca que “em toda metrópole tem uma parte do centro ocupada por classe média e alta”, em que está presente o fornecimento de produtos e serviços, além da mobilidade urbana pensada e desenvolvida para essas pessoas.

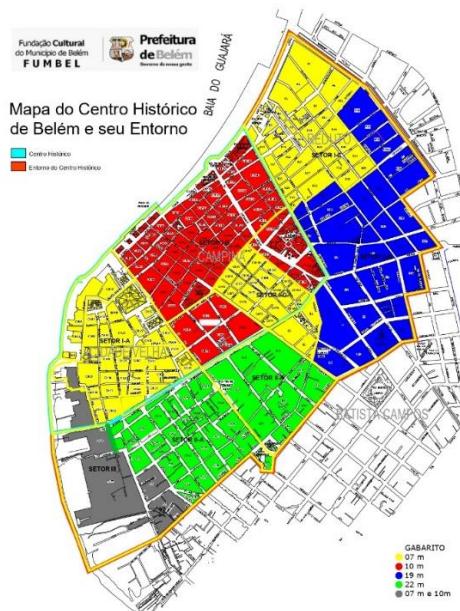
O antropólogo brasileiro José Guilherme Magnani (1992), estabelece a existência de *pedaços*, como lugares de representação simbólica de modos de vida

semelhantes e exclusivos, o que caracteriza a presença de uma classe privilegiada no centro de Belém, onde serviços e equipamentos são encontrados com facilidade e os meios de locomoção tem como vias principais, as centrais como a Castilhos França, no Ver-o-Peso.

Os bairros do Umarizal e do Reduto são exemplos de gentrificação e supervalorização próximos à zona portuária de Belém. O primeiro era habitado por descendentes de escravizados e tinha o aspecto mais “rural”, com as presenças de vacarias e lamaçal. Já o segundo bairro, durante o surgimento das indústrias, propiciou o desenvolvimento de vilas operárias que abrigavam trabalhadores e reduziam o tempo de deslocamento para o trabalho. Com a modernização urbana e a especulação imobiliária, os moradores desses bairros foram compelidos a se deslocarem para regiões mais afastadas do centro comercial e das políticas públicas aplicadas na cidade.

O Ver-o-Peso está precisamente inserido no centro histórico da cidade que foi urbanizada no passado, com a presença de praças e chafarizes ao redor e de um teatro histórico que congregou apresentações nacionais e internacionais, representando o luxo e a fartura econômica da época, o Theatro da Paz. Essa região sempre foi frequentada e habitada, majoritariamente, pelas classes média e alta e brancas belenense.

Figura 7 – Mapa do Centro Histórico de Belém (CHB)





Fonte: FUMBEL (2021)

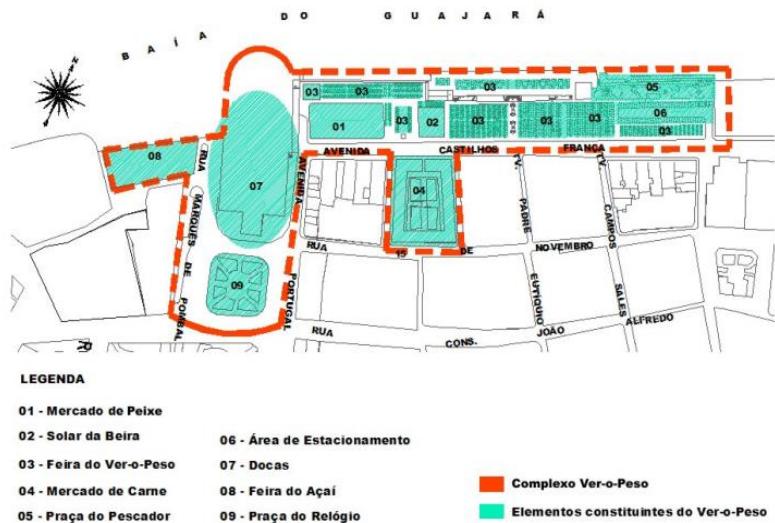
A importância do Ver-o-Peso é tamanha para a vida dos belenenses e dos paraenses em geral, que no ano de aniversário de 400 anos de Belém, em 2015, ganhou o título de maior símbolo da capital por votação popular no “Projeto Belém 400 anos”, promovido pela TV Liberal (afiliada da Rede Globo no Estado do Pará), ganhando com quase 85 mil votos (G1 PARÁ, 2015). Este reconhecimento reforça ainda mais o aspecto representativo e afetivo que permeia o local, o qual remonta às histórias de infância, reuniões familiares, encontros amorosos, compras e muito além da simbologia de um dos maiores pontos turísticos e principal cartão postal de Belém.

Em 2023, conforme noticiaram os jornais locais e confirmado pelo *Instagram* do prefeito municipal na época (2020-2024), Edmilson Rodrigues (PSOL), um novo projeto foi formulado para mais uma reforma do Ver-o-Peso, que estava dentro dos planos para os 100 milhões emprestados pela Caixa Econômica Federal para obras públicas e financiadas na capital visando a realização da COP 30¹⁰ (PIMENTEL, 2023), em que a cidade de Belém foi escolhida como a anfitriã do evento em novembro de 2025 e logo começaram as obras e intervenções urbanas dentro do perímetro estabelecido pelas autoridades competentes como “Polígono da COP 30” (BOGÉA, 2023).

O Ver-o-Peso é dividido em vários setores específicos, além da organização e estruturação. Leitão (2013) acrescenta que a grande reforma do Ver-o-Peso, concluída no ano de 2002, atribuiu à feira um aspecto mais organizado por conta da estrutura de pavilhões especializados em produtos, sendo dividido do mais perecível ao mais durável (frutas e verduras, camarões secos e uma variedade de farinhas).

¹⁰ 30^a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima.

Figura 8 – Complexo do Ver-o-Peso



Fonte: Lima (2008)

Além disso, a autora afirma que o Ver-o-Peso se tornou mais do que um porto ou uma feira livre em que se negociam toda espécie de produtos, expressando que a sua maior riqueza está consolidada como um importante lugar de práticas culturais, onde o cotidiano regional e o imaginário amazônico se encontram e se perpetuam por meio das diversas atividades e costumes regionais.

As antropólogas e pesquisadoras Tainara Pinheiro e Carmem Izabel Rodrigues (2020) mencionam que o Ver-o-Peso é um espaço de grande representatividade cultural, social e econômica na cidade de Belém e diariamente frequentado por diversos grupos heterogêneos de pessoas, porém predominantemente visitado por pessoas negras. Isso engloba também os trabalhadores do local, em que a maioria dos inseridos na região comercial de Belém são de cor preta e parda, presentes em relações de trabalho informais e possuindo o nível mais baixo de escolaridade e de renda mensal, informação que também se assemelha ao contexto social brasileiro (SILVA, 2007).

A cientista social Djamilla Alves Olivério (2012) afirma que não é possível elencar as dimensões sociais dos batalhadores sem inserir a questão racial como fruto de dominação ainda presente, cuja origem remonta ao período da escravização, tornando-se a população negra trabalhadora ainda vulnerabilizada pelo racismo estrutural na sociedade brasileira.



O Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), mostrou que a capital paraense conta com mais de 76% da população autodeclarada negra (pretos e pardos), evidenciando que Belém é uma cidade negra, apesar de todo o apagamento histórico. As feiras livres surgem, então, como destinos de labor, obtendo a maior concentração de trabalhos informais, e o Ver-o-Peso, historicamente, se mantém como o principal meio de sobrevivência para a população negra paraense, por meio dos feirantes do local.

Ademais, a feira do Ver-o-Peso se apresenta mais do que um lugar onde se comercializa tudo, mas também como um território que representa os hábitos, modos de vida e costumes diversos que fazem parte do povo amazônico, sendo desde o próprio belenense até as pessoas que transitam e/ou vendem suas mercadorias advindas de outros lugares da região e do Estado.

NA MÚSICA, NA DANÇA, NA CULINÁRIA, NA FOTOGRAFIA E NA RELIGIOSIDADE: a resistência negra no Ver-o-Peso e o reconhecimento como um território ancestral

Diante da grandiosidade que o Complexo do Ver-o-Peso apresenta, a feira também influencia nos costumes e culturas paraenses, principalmente nas expressões artísticas que representam o ser amazônica. Seja na música, dança, artes, gastronomia e religiosidade, o mercado sempre aparece mencionado ou como ator principal que embala vários ritmos e temas que envolve esse lugar.

Várias são as composições que exaltam a identidade e o reconhecimento do ser amazônica, com o orgulho da terra em que vive, mas sem deixar de denunciar os descasos e problemas sociais enfrentados, seja de uma forma política mais rígida ou utilizando o humor como uma ferramenta de crítica social.

A cantora e compositora *Dona Onete*, que também foi professora da rede estadual de ensino paraense, compôs o *hit* conhecido como “*No meio do pitiú*” e o lançou em 2016, em que conta a história de duas aves presentes no ecossistema do cotidiano da feira, a garça e o urubu, que se apaixonam e embalam uma linda história de amor. Ela usa características humanizadas para detalhar esse namoro quase impossível: o urubu representa a malandragem masculina e a garça a delicadeza feminina.



Assim, todo o enredo romântico dos personagens, tem como local a feira e o fundo musical, o *Carimbó*, que é uma das danças amazônicas¹¹ do Estado do Pará com movimentos giratórios ao som de palmas e tambores com influências indígenas, ibéricas e africanas (FUSCALDO, 2015), sendo considerado, em 2014, patrimônio cultural imaterial brasileiro (AQUINO, 2014), mas que no passado já foi alvo de proibições por ser associado à “desordem pública”, pelo Código de Posturas de Belém em 1880 (SALLES; SALLES, 1969). Veja o trecho da música a seguir:

*A garça namoradeira
Namora o malandro urubu
Eles passam a tarde inteira
Causando o maior rebu
Na doca do Ver-o-Peso
No meio do Pitiú
No meio do Pitiú, no meio do Pitiú
No meio do Pitiú, no meio do Pitiú*

Nesse sentido, é por meio da música que a dança também se concretiza e o *Carimbó* enaltece a nossa história na Amazônia intercontinental que reflete e traduz em suas melodias, inclusive, o cotidiano ribeirinho e não-urbano da região paraense.

Já a música “*Belém-Pará-Brasil*” (1992) da banda paraense de rock *Mosaico de Ravena*, exalta na canção uma perspectiva política, densa e provocativa sobre o perigo da gentrificação da Amazônia, sobretudo da cidade de Belém com a chegada de multinacionais que estabelecem a cultura ocidental do norte global como universal, exterminando as culturas regionais, múltiplas e plurais. A música foi lançada no auge da cena rock na capital e se tornou um hino de identidade cultural, conforme expressado no trecho a seguir:

*Região Norte
Ferida aberta pelo progresso
Sugada pelos sulistas
E amputada pela consciência nacional
Vão destruir o Ver-o-Peso
E construir um Shopping Center
Vão derrubar o Palacete Pinho
Pra fazer um condomínio
Coitada da Cidade Velha*

¹¹ Outra dança de origem africana que possui uma variação amazônica, no caso, marajoara, é o *Lundu*, que se caracteriza como uma dança de roda sensual que representa o cortejo amoroso entre os casais presentes, sendo censurada pela Igreja Católica no passado colonial.



*Que foi vendida pra Hollywood
Pra ser usada como um albergue
No novo filme do Spielberg
Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés
Tropeçando em vocês*

As duas composições musicais são dois exemplos de elementos representativos sobre a cidade de Belém, tendo como fundo ritmos também carregados de ancestralidade negra, como o carimbó e o rock, que possuem em suas raízes a presença negra latente em sua formação e imponência, representando a resistência e reivindicação do povo negro contra as desigualdades e mazelas no país.

Não podemos esquecer da dança que o *tecnobrega* traz, evidenciando mais uma vez, que música e dança andam juntas, principalmente no contexto amazônico. São passos rápidos com movimentos giratórios para ambos os lados, ao embalo das batidas que apresentam sonoridades eletrônicas. Sempre foi considerado um ritmo musical da periferia, ou baixada, como são conhecidas as regiões mais alagadas ou próximas aos canais e margens de rios, e habitadas por pessoas mais vulnerabilizadas da cidade.

A seguir, um trecho da música “*Batuque da Amazônia*” da banda de *tecnobrega* “*Tecnoshow*”:

*Eu sou o batuque, batida da Amazônia,
sou os versos de Waldemar Henrique,
sou a fé, eu sou a corda do Círio,
Eu sou *tecnobrega*, eu sou *calypso*.
Sou o brilho do manto da Nazinha,
Eu sou o Ver-o-peso, eu sou *mandinga*,
Eu sou o açaí com farinha e sem açúcar
Sou o carimbó de Cupijó e Pinduca*

Todas as danças aqui mencionadas são carregadas de representatividade, identidade e valor pela região e possuem como pano de fundo, o Ver-o-Peso, onde são realizados vários videoclipes, shows, manifestações culturais, protestos e apresentações de bandas ou grupos de dança, além do que, no dia a dia da feira, ouvimos sempre tocando esses ritmos musicais pelos variados setores da feira ali presentes, principalmente o *tecnobrega* e suas variações.

Figura 9 – Apresentação de grupo de Carimbó nos 396 anos do Ver-o-Peso (março/2023)



Fonte: Autora (2023)

Figura 10 – Grupo de carimbó se apresentando no setor alimentício (das boieiras) nas comemorações do aniversário de Belém (12/01/24)



Fonte: Autora (2024)



Figura 11 – Dança de tecnobrega no Ver-o-Peso



Fonte: Jornal Diário do Pará, versão online (2023)

Outro item imprescindível para a cultura paraense é a culinária. O Ver-o-Peso se apresenta como a “casa da gastronomia local”, em que além da comercialização de frutas, verduras, leguminosas, também é lugar de comercialização de comidas típicas regionais, como a maniçoba, o pato no tucupi e o tradicional alimento diário do paraense, açaí com peixe frito.

As responsáveis pelas confecções desses pratos são as chamadas “boieiras”, nome que deriva de boia (comida) e possuem um setor próprio, onde o cheiro característico reverbera principalmente no horário do almoço. São mulheres negras, principalmente mães-solo que sustentam suas famílias diariamente com a refeição na feira. São divididas em donas e funcionárias presentes nos 54 boxes do setor.

Elas são parte de minha pesquisa de mestrado, em andamento, que tem como objetivo compreender as vivências e trajetórias sociais (Bourdieu, 2007) de mulheres negras do setor alimentício da feira, que enfrentam todo o tipo de obstáculo e adversidade referente a desigualdades, mas que relatam orgulho do trabalho e do Ver-o-Peso. Assim, a maioria das entrevistadas dizem que a feira é como uma “segunda casa” e considerada uma “escola” em que se aprende tudo, do bom e do ruim, mas que a escolha cabe à cada um.

As mulheres negras estão na base da pirâmide social, abaixo dos homens negros, e por isso, apresentam particularidades que ultrapassam a categoria universal “mulher”, que desqualifica as dores, vivências e violências cometidas contra os corpos femininos negros (AKOTIRENE, 2019; GONZALEZ, 1988). Com isso, a dificuldade



em conseguir um emprego formal estável é ainda maior, fazendo com que o trabalho informal seja o principal destino de sobrevivência desde muito cedo.

Na feira em geral, é nítida a divisão sexual do trabalho, em que as atividades são divididas: nas mais pesadas, geralmente, tem-se a maioria masculina, e nas relacionadas à comida e aos saberes ancestrais e espirituais, tem-se a maioria feminina, como nos setores das boieiras e das ervas, que carregam a tradição, conhecimento e possíveis curas para enfermidades e adversidades da vida.

Apesar disso, a questão racial não aparece de forma explícita nas conversas com as interlocutoras e não é, aparentemente, o ponto central do cotidiano delas. Ao perguntá-las como se autodeclaravam, ouvi como resposta “morenas” ou pardas, às vezes, com um tom de resposta tímido ou envergonhado, e até com um certo receio de responder.

Quanto à autodeclaração das feirantes, das oito boieiras que responderam sobre o assunto, quatro se autodeclararam pardas, uma se autodeclarou morena, duas se autodeclararam negras e uma não quis se autodeclarar, pois me respondeu que: “é igual como qualquer outro”, evidenciando ainda traços do mito da democracia racial em que todas as pessoas vivem de forma harmoniosa e igualitária na sociedade.

Dessa forma, a categoria “morenidade”, que se faz muito presente na região norte e nos discursos na própria feira, é advinda da ideologia do branqueamento, esconde e nega a existência de uma negritude na região amazônica diversa e plural. Então, o aspecto “moreno” é o padrão aceitável, mais aproximado do branco e uma fuga à negritude, tornando o corpo negro objeto de repulsa, autonegação e subordinação em classes mais exploradas (CÂMARA, 2017; SILVA, 2007; AMADOR DE DEUS, 2011; GONZALEZ, 1988).

O próprio título dado à cidade de Belém, como uma “Cidade Morena” já demonstra a incorporação da categoria e está presente em músicas, *outdoors*, exposições, apresentações, concursos de dança e entre outros eventos. Dessa forma, ser negro na Amazônia possui suas próprias particularidades que precisam ser respeitadas e analisadas, visto a invisibilização da negritude na própria região.

A presença negra na Amazônia foi marcante na formação da sociedade e na geração de economia que garantiu aos donos de terra a manutenção da sociedade colonial (SALLES, 1979). Posteriormente, com a economia da borracha, a região teve a presença de maranhenses e baianos que criaram pequenos nichos negros na



cidade, como no bairro do Umarizal, Pedreira Jurunas, Terra Firme, Guamá e entre outros mais antigos (CONRADO; CAMPELO; RIBEIRO, 2015) e os que hoje se encontram mais longínquos do centro da cidade.

Ainda segundo os autores, a identidade negra no Pará é confrontada com a metáfora de identidade, consequência do ideal de mestiçagem e do estereótipo negativo, ofensivo e racista ainda atribuído à cultura negra, fazendo com que seja mitigada dos espaços políticos e de reivindicação de direitos sociais. Nesse sentido, o antropólogo Kabengele Munanga (2012) afirma que a negritude não se refere somente à cor da pele, mas sim o fato de terem sido vitimados historicamente das piores formas de desumanização e terem sido negadas a existência de suas diversas culturas.

Essa dificuldade de reconhecimento na autodeclaração também ocupou meus pensamentos e minha própria vivência, em que eu como mulher negra, só fui me “enxergar” e autodeclarar como tal em 2019, após um doloroso processo de imersão profunda em leituras de pensadoras negras e na minha própria vivência que demonstraram que eu não estava sozinha em minhas dores e singularidades. É um processo lento, árduo e que ainda não o finalizei.

Entretanto, fico com a resposta de uma de minhas interlocutoras que me encheu de orgulho e felicidade: *“Da minha cor? Ah, eu me acho uma negra linda, bem bonita, ninguém me ofende me chamando de preta, porque eu me amo”*. O reconhecimento da negritude para nós mulheres negras, além de fortalecimento, é a certeza de que ninguém pode nos definir e que temos o direito de existir e resistir.

No setor das boieiras, algumas já participaram de concursos regionais e nacionais, como o *Estrela Azul* e o *Festival da Cozinha Paraense*, a mesma interlocutora, relatou que o nome delas surgiu nesse momento:

É como eu tô te falando, né? A cozinha pra mim foi uma necessidade. E trabalhando na cozinha, o saudoso Paulo Martins, que era o dono do restaurante Lá em Casa, ele fez um festival na feira com as boieiras, que era o Festival da Cozinha Paraense. E dentro desse Cozinha Paraense, tinha um jantar das boieiras, ele convidou umas boieiras da feira pra participar, na época foram 15, nós éramos 15. E ele trouxe 15 chefes de fora, eu fazia um prato de comida, um prato que eu tô te falando, é um prato grande pra muita gente, no caso, eu fiz paella (“paeja”), eu fiz 3 paellas gigantes e vinha um chefe pra fazer o complemento daquela minha paella, entendeu? Cada uma boieira trabalhava com a paella, então o nome boieira, quem deu foi o Paulo Martins. Que era o jantar das boieiras. Eu te confesso que eu não gostava de quem me chamasse



de boieira, me dava uma raiva. Aí depois o meu amigo “por que tu não gosta? Tu sabe o que é boieira?”, aí eu “é a mulher do boi”, ele falou “não, boieira é uma mulher que faz boia boa. A tua boia é boa!”, aí eu disse “é mesmo?”, ele disse “é”. Pronto, hoje somos conhecidas como as boieiras.

A socióloga Taís de Sant'Anna Machado (2021) destaca que a cozinha é pensada como um lugar de territorialidade feminina e negra, em que também foi possível construir relações de sociabilidade e rompimentos das condições de vida, mesmo que a escravização as tenham forçado a ocupar esse lugar e que hoje ainda sentem os efeitos precários desse trabalho. A autora afirma que o ato de cozinhar se estabelece como uma contraposição, sendo agora de ascensão social e política das mulheres negras.

No passado, mulheres negras escravizadas ou libertas trabalhavam no Ver-o-Peso como uma alternativa ao trabalho doméstico, sendo amassadoras de açaí, erveiras e tacacazeiras (SALLES, 1971; SILVA, 2007). Atualmente, algumas donas de box do setor alimentício já possuem seus próprios restaurantes fora da feira e já levaram seus pratos culinários para apresentações e concursos dentro e fora do Brasil.

Ao descrever a importância do território que o Ver-o-Peso possui, fica até difícil começar diante da potência tão grande e avassaladora, mas minha tentativa se concretiza em colocar em palavras tudo o que sinto, que também é motivo de meu orgulho, sendo também cria de baixada da infância até o começo da fase adulta, ia com os pais “lá embaixo”¹² para passear, comprar nas lojas e almoçar em algum box de boieira na feira. Talvez para mim, o orgulho nasce daí, de ter o Veropa¹³ como elo e lugar de existência negra.

Para evidenciar tudo o que representa a feira, o Ver-o-Peso também aparece em vários registros fotográficos que delimitam a linha que une o passado e o presente e evidenciam rastros de história e de labor árduo dos trabalhadores que permeiam até hoje no cotidiano belenense. Por meio da fotografia que podemos visitá-lo com precisão e vê-lo nos mais perfeitos e imperfeitos detalhes de vivências e percepções no/do lugar, como a seguir:

¹² É a forma com que os belenenses chamavam o centro comercial de Belém, onde se encontra o Ver-o-Peso.

¹³ É a forma carinhosa com que os belenenses chamam o Ver-o-Peso.



Figura 12 – Vista do Porto do Ver-o-Peso em Belém/PA (jun. 1953)



Fonte: *site do Ver-o-Veropeso* (sem data)

Figura 13 – Cais do Mercado do Ver-o-Peso: Belém/PA (19-)



Fonte: *site do Ver-o-Veropeso* (sem data)

Interessante destacar a questão o olhar sobre a feira. São múltiplas e diversas as visões que o Ver-o-Peso possui. Tem gente que adora, tem quem odeie, tem quem vá todo dia, quem vai de vez em quando, quem conhece, quem não conhece, quem ache o lugar sujo e perigoso, quem adore comer por lá e sentir o mormaço do calor no corpo. Tudo isso também aparece nas fotografias.



As fotos mais antigas mostram uma feira suntuosa, detalhada e desenhada à mão também nas pinturas como um grande porto com características europeias (o sonho de Antônio Lemos). Outras evidenciam o vai e vem dos trabalhadores com chapéus na cabeça e roupas claras, assim como homens bem-vestidos que transitam por ali. Entretanto, um outro olhar também surge nas fotografias: o colonial.

Em janeiro de 2024 pude visitar a exposição “Belém: Um Ver-o-Peso de Memórias” no Museu de Arte Sacra (MAS) na cidade mesmo. Na ocasião, foram exibidas filmagens da feira, desde a década de 1930 até os dias atuais, e dentre elas estava a coleção *Ford Motor Company* do Museu do Arquivo Nacional de Washington, DC. Pude ver as imagens e fotografias de vários trabalhadores, mas uma em especial me chamou a atenção, como a seguir:

Figura 14: Trabalhadores do Ver-o-Peso (Coleção *Ford Motor Company*)



Fonte: Quezia Dias da Agência Pará/SECULT (2024)

Essa senhora da foto abaixo das demais, foi a única mulher e negra a aparecer nas imagens do documentário. Ela surgia com um semblante triste, abatido e parecia desarrumada. A partir daí, fiquei imaginando quem seria ela: Trabalhava na feira? Em que parte? O que fazia? Por que estava ali? Qual a intenção em filmarem ela? Tantas perguntas e nenhuma resposta. A foto só destacava uma personagem que existiu, mas não se sabe sobre a sua história e o documentário me pareceu mais com um deslumbramento sobre a Amazônia, sem deixar o exotismo e a imposição de civilidade de lado.



Em contrapartida à visão colonialista, surge o olhar local e particular da fotógrafa paraense *Nay Jinknss*, que capta com precisão o cotidiano na feira, as culturas, identidades, religiosidades e o ser amazônica, por também fazer parte do território amazônico paraense. Com isso, ela defende uma fotografia não estereotipada e não eurocêntrica e com prevalência aos direitos humanos, se tornando uma referência na área, tendo trabalhos circulados em revistas nacionais e internacionais, assim como instituições de mesmo alcance, como na imagem abaixo:

Figura 15: Trabalhador segurando peixe e a imagem de Nossa Senhora de Nazaré (foto de Nay Jinknss)



Fonte: Nonada Jornalismo, 2022 (Nay Jinknss/divulgação)

As religiões de matrizes africanas também estão presentes no Ver-o-Peso, representando a ancestralidade da *nação-mãe*¹⁴ e o território de resistência diante a urbanização e a modernização capitalista que apaga o passado de suor, sangue e lágrimas que a feira possui. Uma das representações mais importantes são as erveiras, que são mulheres que trazem consigo e para o ambiente urbano,

¹⁴ Os termos “*nação-mãe*” ou “*Mãe África*” se referem à importância do continente para o mundo, sendo berço da humanidade e origem de diversas culturas, tradições e povos, e sinônimo de pertencimento e resistência.



conhecimento da natureza sobre variados tipos de óleos, banhos e ervas que curam desde gripes ou doenças, até um coração partido ou ajudam na procura por um amor. Estão inseridas na feira que tem ligação direta com outras localidades do Estado, principalmente pelas águas, fazendo com que elas carreguem saberes tradicionais adquiridos pela oralidade, memória e aprendizado (VIEIRA, 2020).

Além disso, na entrada do Mercado de Carne (Francisco Bolonha), ao lado de uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira dos paraenses, podemos ver no canto direito, um altar e vários artefatos religiosos da Umbanda ou do Candomblé que enaltecem guias, orixás e demais seres espirituais para serem comercializados. No setor das aves do Ver-o-Peso, também não é incomum a venda de galinhas para rituais afroreligiosos em que há até quem explique como realizá-lo.

Por fim, muito antes do início da dissertação de mestrado e entender a representatividade que o Ver-o-Peso possui, sentia algo muito forte ao andar por ali, mas não sabia identificar exatamente o que era. Ao iniciar a pesquisa, algo me dizia que eu precisava investigar a ancestralidade africana presente ali e hoje consigo entender de fato a presença negra de meus ancestrais e das conversas que tive nas idas à campo, que de alguma forma, eles conversavam comigo, seja por meio dos feirantes ou da vista irradiante da baía nos dias quentes. Tudo sempre esteve ali.

Não há dúvidas de que a feira é um lugar negro, tanto no passado como no presente, e por isso é essa suntuosidade que move a cidade de Belém, mesmo diante do apagamento da presença negra na Amazônia Paraense ou mesmo do abandono da feira, em que os feirantes passaram por sérios problemas durante a pandemia da Covid-19, de modo que as autoridades competentes só ver o espaço como ponto turístico a ser reformado para a chegada da COP 30 que trará presenças importantes para a cidade, mas que ainda carece políticas públicas para a feira e para os feirantes em geral. O tempo passa, mas a luta permanece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever o Ver-o-Peso não é uma tarefa fácil, até mesmo para quem é belenense e que acha que conhece toda a dimensão territorial da feira. Além de ser conhecido como a maior feira à céu aberto da América Latina, posto que já denota a grandiosidade desse lugar, possui um esplendor justamente pelas imperfeições em



que cada detalhe que circunda o Complexo. É carregado de histórias, sobrevivências, resistências e vidas negras.

Os tempos áureos da *Belle Époque* idealizada por Antônio Lemos, que almejava transformar a cidade em uma “*Paris N’ América*” e para isso, realizou profundas modificações na urbanização da capital, que apesar de importantes, demonstravam o caráter higienista e racista nas medidas adotadas, prevaleceu a vontade da elite branca da era da borracha, cuja penalidades impostas das leis aplicadas, atingiam os mais vulneráveis, como a população negra belenense.

Apesar de tanto apagamento por meio de uma história contada por uma classe privilegiada, rastros e existências se mostravam firmes através do tempo, como uma forma de demonstrar presença, mas a presença significativa de quem ergueu e transformou a cidade, por meio de lágrimas, sangue e suor de negros, indígenas e ribeirinhos, que lutaram por meio de revoluções como a Cabanagem por reconhecimento, melhorias e existência contra os abusos de um governo colonial.

O centro histórico da cidade, delimitado e construído para atender aos mandos de uma elite priorizada, também foi palco de resistência negra que indicou que esse lugar também era nosso, por direito. O tempo passou e o racismo continua a silenciar e diminuir vivências e modos de vida, mas a luta pelo reconhecimento sempre existirá, principalmente pelo que é justo e digno para todos.

O Ver-o-Peso que é interligado com a urbanização da cidade, de modo que uma não vive sem o outro, passou por profundas transformações que iam desde a existência da praia em que navios desembarcam com escravizados até a chegada de uma estrutura quase em forma de castelo europeu, mas diante de um território que possui alma africana que ergueu e manteve esse lugar de pé.

A feira não é apenas um ponto turístico ou principal cartão postal da capital, mas também o local em que cheiros, cores, saberes e sabores se unem e se encontram, entrelaçados com a economia e as culturas amazônicas que enaltecem que engrandecem suas características singulares para todos ali presentes. Esse território torna homens e mulheres em seres amazônicas como principais personagens de suas existências, seja em ritmos musicais, fotografia, culinária ou religiosidade, mas não como uma forma estereotipada que objetifica, exotiza ou “selvageriza” pelos olhos coloniais, mas sim os libertam de padrões e mostram particularidades que evidenciam que esses seres também são negros.



Essa Amazônia que muita gente, sobretudo de fora da região, diz saber, não é universal e vai muito além desse pensamento superficial. É uma região riquíssima, plural e diversa que carrega consigo elementos ímpares que o representam e moldam o ser amazônica. Esse ser da terra, não possui peles claras ou olhos azuis ou verdes, não fala idioma eurocêntrico, sua pele não é branca, mas carrega manchas de sol em seus corpos, diante um trabalho árduo e que é o verdadeiro arquiteto da cidade, pois foi com suas mãos que a história foi construída e dessa vez, tendo a sua voz contada pelos verdadeiros donos dessa terra.

O padrão europeu idealizado para a capital paraense, não foi capaz de silenciar as vozes ancestrais e existentes que fazem parte dessa região e demonstram diariamente que a cidade também é de quem resiste. Mesmo as benfeitorias e intervenções urbanas sendo realizadas, deixando de lado, a parte mais vulnerabilizada em lugares distantes, não será capaz de apagar o saber tradicional que os rios ensinam e o Ver-o-Peso dialoga fortemente com a Baía do Guajará que nos mostra que as águas estão aí para nos ensinar e estamos aqui para aprender.

Sendo assim, a Belém do Pará que será anfitriã de um evento internacional de meio ambiente e clima em 2025, que impulsiona a região para os olhares do mundo, mas que a conhecemos historicamente por um discurso hegemônico colonial, branco e sexista como “cidade morena”, se aproximando ao “ideal à branquitude”, mascara a evidência de que, na verdade, ela é uma cidade negra e palco de resistência africana que influenciou em nossos modos de ser e de se relacionar com o mundo. Assim, o Ver-o-Peso é um território negro e foi por meio do povo negro paraense que ele se mantém de pé até hoje, por meio de seus trabalhadores informais, lutando por direitos sociais e cotidianamente diante inúmeras adversidades.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Francisco. De símbolos da opressão a padrões de liberdade: a preservação de pelourinhos coloniais e o apagamento da memória da escravidão (sécs. XVI-XX). **Revista de História**, São Paulo, n. 181, p. 1-37, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/188402/184334>>. Acesso em: 27 mai. 2024.

AQUINO, Yara. Carimbó é reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil. **Agência Brasil**. 11 set. 2014. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-09/carimbo-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-imaterial-do-brasil>>. Acesso em: 31 jan. 2025.



AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. **Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, 152p.

BOGÉA, Hiroshi. As mudanças anunciadas para Belém como sede da COP 30. **Hiroshi Bogéa Online**. 26 mai. 2023. Disponível em: <https://www.hiroshibogea.com.br/as-mudancas-anunciadas-para-belem-como-sede-da-cop-30/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introd., org. sel. Sergio Miceli. 6^a ed., 1^a reimp. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CÂMARA, Flávia Danielle da Silva. **Mulheres negras amazônicas frente à cidade morena: o lugar da psicologia, os territórios de resistência**. 2017. 216 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, 2017.

CAMPELO, Marilu Márcia. Conflito e Espacialidades de um Mercado Paraense. In: **Ver-O-Peso: Estudos Antropológicos no Mercado de Belém**. Wilma Marques Leitão (Org.). Belém: NAEA, 2010.

CONRADO, Mônica; CAMPELO, Marilu; RIBEIRO, Alan. Metáforas da Cor: Morenidade e territórios de negritude nas construções de identidades negras na Amazônia Paraense. **Afro-Ásia**, 51 (2015), 213-246. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21886/14129>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DEUS, Zélia Amador de. O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. In: COLAB – Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e Desigualdades, XI, Salvador, 07 a 10 de agosto, 2011. **Anais [...]**, Salvador, BA: UFBA, 2011. Disponível em: <https://fenomenologiadasolidariedade.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/11/1308245884_arquivo_corpocomomarcaidentitariaartigoversaofinal-zelia.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2024.

DIAS, Quezia. Museu de Arte Sacra abre exposição com histórias e vivências do Ver-o-Peso. **Agência Pará (SECULT)**. 20 jan. 2024. Disponível em: <https://www.agenciapara.com.br/noticia/50845/museu-de-arte-sacra-abre-exposicao-com-historias-e-vivencias-do-ver-o-peso>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Disputa de caquiado no Ver-o-Peso viraliza na web. Jornal Diário do Pará, versão online, 26 ago. 2023. Vídeo. Disponível em: <<https://dol.com.br/tuedoide/viral/825057/video-disputa-de-caquiado-no-ver-o-peso-viraliza-na-web?d=1>>. Acesso em: 31 jan. 2025.

Facebook Página Belém Antiga. **Alfândega e suas dependências (imagem)**. 25/06/2018.

_____. **Doca do Ver-o-Peso (imagem)**. 27/03/2023.



FUMBEL – Fundação Cultural do Município de Belém. **Mapa do Centro Histórico de Belém e seu entorno**. 2021. Disponível em: <https://fumbel.belem.pa.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/MAPA-DO-CHB.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2025.

FUNARTE – Ministério da CULTURA. **Você sabe o que é Art Nouveau?**. 11 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/noticias/todas-noticias/voce-sabe-o-que-e-art-nouveau>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

FUSCALDO, Bruna Muriel Huertas. **O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil**. Revista CPC, São Paulo, n. 18, p. 81-105, dez. 2014/abril 2015.

G1 PARÁ. **Ver-o-Peso é o cartão postal que nunca dorme em Belém, do Pará**. 26 dez. 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/e-do-pará/noticia/2015/12/ver-o-peso-e-cartao-postal-que-nunca-dorme-em-belem-do-pará.html>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. In: **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 92/93, 69/82, jan-jun 1988, p. 69-81.

IBGE. **Mapa da Distribuição Espacial da População Segundo Cor ou Raça – Pretos e Pardos – 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 1 p. Disponível em: <https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_do_brasil/sociedade_e_economia/mapas_murais/brasil_pretos_pardos_2010.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2021.

IPHAN. Ver-o-Peso (PA). In: **Portal Iphan**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828>>. Acesso em: 30 out. 2021.

Laboratório Virtual – FAU ITEC UFPA. **Relatório que avalizou o recebimento do Mercado do Ver-o-Peso por Antonio Lemos em 1901**. 12 mai. 2015. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2015/05/12/relatorio-que-avalizou-o-recebimento-do-mercado-do-ver-o-peso-por-lemos/>>. Acesso em: 21 dez. 2024.

LEITÃO, Wilma Marques. Ver-o-Peso: um mercado de coisas boas e belas. In: **CINCCI - IV Colóquio Internacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem**. Uberlândia, 26-28 mar. 2013. Disponível em: <http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/019-wilma.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

LIMA, Maria Dorotéia de. **Ver-o-Peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará**. 2008. 221 f., Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, p. 25, Belém, 2008.

LOBATO, Flavio Henrique Souza; CAÑETE; Voyner Ravenna. Farinha de Feira: memórias e identidades de vendedores em feiras do bairro do Guamá, Belém (PA). **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 242-271, jan./jun. 2015.



MACHADO, Taís de Sant' Anna. **“Um pé na cozinha”: uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil.** 2021. 305 f., Tese de Doutorado (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, p. 221-222, Brasília, 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 191-203.

MEDEIROS, Jorge França da Silva. **As feiras livres em Belém (PA): possibilidades e perspectivas de (re)apropriação do Território na/da cidade.** 2010.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. **Coleção Cultura Negra e Identidades**. 3 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NONADA JORNALISMO. **Conheça a fotografia da artista paraense Nay Jinknss.** 14 nov. 2022. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2022/11/retratar-o-outro-como-alguem-que-se-ama-conheca-a-fotografia-de-nay-jinknss/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

OLIVÉRIO, Djamilla Alves (col.). Batalhadores e Racismo. In: SOUZA, Jessé et al (Org.). **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. 2ª ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, v. 1, p. 173-196, cap. 6.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém - Estudo de Geografia Urbana.** 1º vol. Universidade Federal do Pará, 1968.

PIMENTEL, Dilson. Reforma do Ver-o-Peso deve ser concluída no primeiro semestre de 2024, diz prefeito. **O Liberal**. 27 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/reforma-do-ver-o-peso-deve-ser-concluida-no-primeiro-semestre-de-2024-diz-prefeito-1.661950>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

PINHEIRO, Tainara Lúcia; RODRIGUES, Carmem Izabel. Mediações visíveis na cidade: Olhares sobre o racismo em Belém do Pará. In: **Nova Revista Amazônica**. vol. VIII, nº 02, set. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/9372/6474>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

PONTE, Juliano Pamplona Ximenes. Belém do Pará: cidade e água. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 17, n. 33, pp. 41-60, maio 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2015-3302>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

SALLES, Vicente; SALLES, Marena Isdebski. Carimbó: Trabalho e Lazer do Caboclo. **Revista Brasileira de Folclore**. 9ª ed. 1969.

_____. **O negro no Pará: sob o regime de escravidão**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Universidade Federal do Pará (Coleção Amazônica, Série José Veríssimo), 1971, 2ª parte.



SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. **Ver-a-cor: um estudo sobre as relações sociais no mercado do Ver-o-Peso em Belém (PA)**. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, p. 74. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89854/246840.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

VALADARES, Marcos da Silva. **Luzes e Sombras na Belle Époque: percursos e desigualdades socioespaciais na iluminação elétrica em Belém (1893-1912)**. 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Disponível em: <<https://www.pphist.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/563-2023>>. Acesso em: 31 jan. 2025.

Ver-o-Veropeso. **A história presente**. Blog. Disponível em: <<https://veroveropeso.wordpress.com/historia-contida/>>. Acesso em: 31 jan. 2025.

VIEIRA, Laura Carolina. **Saberes da Floresta, Produtos na Cidade? Os atravessamentos socioculturais que permeiam as práticas tradicionais de cura amazônica em ambiente urbano – Belém/Pará**. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará. Disponível em: <https://ppga.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/659-2020>. Acesso em: 10 jun. 2025.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. Studio Nobel: São Paulo, 2001.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. Trad. Antônio Carlos Pinto Peixoto. In: **O fenômeno urbano**. Org. e Introd. Otávio Guilherme Velho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 68-89.